

I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

A SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO DA MULHER NEGRA: classe, raça e gênero como unidade dialética

Sessão temática 01 – Questão social e questão étnico-racial

Ana Cristina Oliveira de Oliveira (UFF)
anacoliveira60@gmail.com

Resumo: O estudo analisa a superexploração do trabalho da mulher negra, articulando classe, raça e gênero como categorias indissociáveis. Baseado na Teoria da Reprodução Social e Teoria Marxista da Dependência revela como racismo e sexismo sustentam a acumulação periférica. A pesquisa, de abordagem marxista, conclui que a emancipação exige lutas unificadas anticapitalista, antirracista e antipatriarcal.

Palavras-chave: superexploração da força de trabalho; classe; raça e gênero.

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

A realidade das mulheres negras no Brasil e na América Latina revela as contradições mais profundas do capitalismo dependente. Este estudo se fundamenta na economia política feminista negra para demonstrar três eixos centrais: (1) a superexploração da força de trabalho no capitalismo periférico recai desproporcionalmente sobre mulheres negras; (2) o racismo e o sexismo são mecanismos funcionais que permitem a extração de mais-valia em níveis extremos; e (3) a resistência histórica das mulheres negras aponta caminhos para uma luta anticapitalista, antirracista e antipatriarcal.

Este estudo busca analisar como o racismo e o sexismo funcionam como engrenagens da superexploração da força de trabalho feminina negra, articulando-se à Lei Geral da Acumulação Capitalista em países periféricos. Esta pesquisa examina de que maneira o racismo e o sexismo atuam como mecanismos estruturantes que intensificam a superexploração do trabalho das mulheres negras, integrando-se organicamente ao processo de acumulação capitalista nas economias dependentes. Partindo de uma perspectiva feminista marxista, o estudo demonstra como essas formas de opressão não são meros acréscimos ao sistema, mas componentes essenciais que permitem taxas extraordinárias de superexploração na periferia do capitalismo global. A análise revela como a unidade dialética entre divisão racial, sexual e social do trabalho cria condições particulares de superexploração feminina negra, manifestas na precarização extrema, nas jornadas exaustivas e nos salários abaixo do valor necessário para reprodução da vida, acrescidos do fundo de consumo da vida social e conformando um padrão específico de acumulação nos países dependentes que perpetua desigualdades históricas. A chegada do século



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

XXI trouxe consigo transformações radicais nas formas de organização e mobilização política, com a internet surgindo como um espaço fundamental para a articulação do movimento de mulheres negras. É emblemático observar como as lutas feministas assumem contornos radicalmente distintos quando analisadas a partir da experiência das mulheres negras. A realidade contemporânea, longe de superar essa herança perversa, atualiza-a sob novas formas de violência estrutural. Os dados são contundentes: enquanto os homicídios de mulheres brancas diminuíram 9,8% entre 2003 e 2013 (IBGE, 2022), os assassinatos de mulheres negras aumentaram assustadores 54% no mesmo período, segundo o Mapa da Violência. No campo da saúde reprodutiva, são as principais vítimas de violência obstétrica e negligência médica. A pirâmide salarial brasileira escancara uma hierarquia racial e de gênero implacável: no ápice, os homens brancos recebem salários que mais que dobram os das mulheres negras (44,4% do valor), sendo que mesmo entre pessoas com mesma formação e experiência profissional, a diferença persiste de forma flagrante (IBGE, 2022). Essa realidade não é acidental, mas sim estrutural ao modelo de acumulação capitalista na periferia do sistema. A superexploração da força de trabalho feminina negra - herdada diretamente do período colonial - segue sendo um pilar essencial para a manutenção das taxas de lucro na região no capitalismo dependente. Seu estudo não representa apenas uma análise setorial, mas revela as engrenagens mais cruéis do capitalismo dependente, onde raça, gênero e classe se articulam como mecanismos complementares de opressão e extração de mais-valia.

Portanto, a análise das condições específicas das mulheres negras não se limita a um recorte identitário, mas constitui uma ferramenta epistemológica essencial para compreender a totalidade das relações sociais na América Latina. Seu lugar na estrutura produtiva - simultaneamente central e invisibilizado - desvela as contradições mais profundas de nossas sociedades, apontando para a necessidade de projetos emancipatórios que enfrentem simultaneamente o racismo, o patriarcado e a exploração de classe como fenômenos indissociáveis. A crítica da economia política, quando articulada a estes dados concretos, revela como o capitalismo dependente opera através da desvalorização sistemática de certos corpos e trabalhos - os racializados, femininos, dissidentes - que são simultaneamente indispensáveis ao sistema e permanentemente precarizados.

O desenvolvimento do capitalismo na América Latina ocorre de forma intrincada com a dinâmica expansionista do capitalismo central, gerando formações sociais particulares marcadas



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

pela condição dependente, como demonstram Sousa, Oliveira, Silva e Soares (2020). Bamberger (2013, p.40) destaca que o período pós-1945 representa um marco analítico crucial, pois revela uma nova fase de integração subordinada dessas sociedades ao capitalismo monopolista mundial, processo que assumiu contornos singulares em nossa região. O capitalismo contemporâneo exibe uma face particularmente agressiva, com acentuada concentração de riqueza e destruição de direitos, transformando profundamente as estruturas produtivas e as relações de trabalho em escala global. Essas transformações reafirmam a centralidade da superexploração da força de trabalho como mecanismo fundamental para a acumulação capitalista na periferia, ainda que esta assumam configurações específicas em cada formação nacional.

A superexploração não é, portanto, um fenômeno residual, mas a regra nas periferias do capitalismo, onde se combinam a herança escravista com as novas formas de acumulação por espoliação. No atual contexto de aprofundamento das crises do capital, torna-se urgente desenvolver análises que consigam articular rigorosamente a investigação empírica com as categorias fundamentais da crítica da economia política. Essa abordagem integrada permite compreender como a formação social brasileira se constituiu a partir da imbricação orgânica entre capitalismo, escravismo e patriarcado (Gonzalez, 2018;2020; Saffioti, 2015), rompendo com visões eurocêntricas que interpretam nossa história a partir de modelos abstratos. Como demonstra Moura (2014), apenas através desta perspectiva é possível resgatar as múltiplas formas de resistência que foram sistematicamente apagadas pela historiografia oficial, revelando a verdadeira composição da classe trabalhadora em nossa sociedade. Dentro deste grupo, as mulheres negras materializam-se em desigualdades contemporâneas profundamente arraigadas.

O desafio teórico-político consiste justamente em construir as mediações necessárias para relacionar as expressões concretas da questão social com suas determinações estruturais, compreendendo como o racismo e o sexismo operam como mecanismos centrais na organização do mundo do trabalho e na reprodução das relações de exploração, opressão e dominação. Como destaca Moura (2021), esta perspectiva permite superar visões eurocêntricas e abstratas sobre a formação da classe trabalhadora brasileira, resgatando as lutas históricas frequentemente invisibilizadas pela narrativa dominante. A aparente contradição entre produção e reprodução revela-se, na verdade, uma unidade dialética fundamental para compreendermos a organização social (Vogel, 2022; Fagundes e Ferreira, 2021). A Teoria da Reprodução Social (Bhattacharya, 2017), fundamentada no marxismo, avança nesta análise ao demonstrar como o trabalho doméstico



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

- majoritariamente desempenhado por mulheres negras - sustenta a acumulação capitalista, embora permaneça invisibilizado e não remunerado. Na crise estrutural iniciada em 2008, essa divisão racial, sexual e social do trabalho intensificou-se como mecanismo de superexploração (Marini, 2005), atualizando através do preconceito e discriminação a lógica da acumulação primitiva. Como demonstra Bhattacharya (2023), apenas compreendendo o trabalho simultaneamente como fonte de valor e fundamento da vida social poderemos construir projetos emancipatórios que enfrentem a tríplice exploração de classe, gênero e raça no capitalismo dependente. A unidade das lutas sociais surge assim não como opção política, mas como exigência teórica e prática desta realidade concreta.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adota o método materialista histórico-dialético, articulando categorias como superexploração da força de trabalho, divisão sexual, racial e social do trabalho, e capitalismo dependente. A metodologia divide-se em: (i) revisão bibliográfica crítica e (ii) análise documental. A abordagem privilegia a totalidade concreta, evitando análises fragmentadas que tratem racismo e sexismo como questões identitárias dissociadas da luta de classes. Esta pesquisa adota uma abordagem materialista-dialética, articulando análise teórica e empírica para investigar a superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente, com ênfase nas dimensões de classe, raça e gênero. A análise incorpora dados empíricos de fontes como IBGE sobre desigualdades salariais, condições de trabalho e violência estrutural, cruzando essas informações com documentos de movimentos sociais e sindicais.

3. RESULTADOS

Esta pesquisa pretende demonstrar como a superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente se estrutura a partir da articulação entre classe, raça e gênero. A pesquisa pretende, assim, confirmar a hipótese de que a superexploração no capitalismo dependente não é um “acidente”, mas um mecanismo estrutural que requer a desvalorização sistemática de corpos racializados e feminizados para funcionar - e que, portanto, sua superação exige enfrentar simultaneamente a exploração de classe, o racismo e o sexismo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A originalidade desta abordagem reside em integrar o racismo e o sexismo à própria teoria do valor, compreendendo-os não como meros reflexos superestruturais, mas como elementos constitutivos das relações sociais de produção no capitalismo periférico. Neste sentido, raça e



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

gênero se revelam como fundamentos materiais da organização das classes sociais e da dinâmica da luta de classes no contexto brasileiro. O método proposto buscou captar como estas determinações, embora universais no modo de produção capitalista, assumem configurações específicas em nossa formação social, marcada pela herança colonial e pela dependência estrutural.

5. REFERÊNCIAS

- BAMBIRRA, V. O Capitalismo Dependente Latino-Americano. São Paulo: Insular, 2013.
- BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? Socialist Worker, [S.I.], 2017.
- BHATTACHARYA, Tithi. Teoria da reprodução social: remapear a classe, centralizar a opressão. Tradução Juliana Penna. São Paulo: Elefante, 2023.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). 2022.
- FERREIRA, C. C. C., & FAGUNDES, G. G. Dialética da questão social a a unidade classe. Gênero e Raça. Temporalis, 21(42), 62–76, 2021. <https://doi.org/10.22422/temporalis.2021v21n42p62-76>
- GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, 1988.
- GONZALEZ, L. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Rio de Janeiro, 2022
- MARCHA DAS MULHERES NEGRAS. Documento político: contra o racismo, a violência e pelo bem viver. Brasília, 2015.
- MARINI, R. M. Dialética da Dependência. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MOURA, Clóvis. Dialética radical do Brasil negro. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Graboys; Anita Garibaldi, 2014.
- MOURA, Clóvis. O negro: de bom escravo a mau cidadão. 2. ed. São Paulo, Dandara Editora, 2021.
- OLIVEIRA, F.; SOUZA, A.; SOARES, M. Capitalismo dependente na América Latina: novas configurações no século XXI. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2019.
- SAFFIOTI, H. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SOUZA, A. A. S. de; OLIVEIRA, A. C. O. de.; SILVA, L. B. Da; SOARES, M. (Orgs.). Trabalho e os limites do capitalismo: novas facetas do neoliberalismo. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.
- VOGEL, L. Marxismo e a opressão das mulheres: rumo a uma teoria unitária. São Paulo: Expressão Popular, 2022. [1983].

